

# Os homens que decidem a economia dos países em crise

Clyde H. Farnsworth, do *The New York Times*.

Funcionários anônimos estão-se espalhando pelo mundo inteiro, a partir de um conhecido conjunto de edifícios situado a apenas três quarteirões da Casa Branca, em Washington, e passam a desempenhar um papel crucial na administração da economia de três quartos da população mundial.

Os funcionários do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional foram obrigados a assumir essa nova (e indesejável) posição, politicamente pouco confortável, devido à magnitude de uma crise na qual os chamados países em desenvolvimento devem a credores estrangeiros quase 700 bilhões de dólares.

O banco e o fundo, colunas gêmeas de um sistema monetário criado em Bretton Woods, no Estado de New Hampshire, a partir dos destroços da Segunda Guerra Mundial, são os principais credores do Terceiro Mundo. Apenas no decorrer do ano passado, eles forneceram quase 30 bilhões de dólares em empréstimos. Os 15,3 bilhões de dólares do Banco Mundial foram encaminhados para projetos como barragens, portos e fábricas de fertilizantes em 80 países diferentes. Os 14,1 bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional foram encaminhados para ajudar a recompor as parcas reservas de 45 países, para ajudá-los a pagar gêneros alimentícios, energia e outras importações necessárias.

Além disto, entretanto, as duas instituições são a chave para financiamentos adicionais por parte de bancos comerciais, que, por causa do péssimo currículo de pagamentos de muitos países devedores, têm-se mostrado pouco dispostos a fornecer novos empréstimos. A porta para os novos financiamentos não se abre a não ser que os países devedores aceitem condições impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial.

## A desagradável austeridade

A aceitação destas condições nem sempre é politicamente agradável aos países devedores. Um grupo desses países deverá reunir-se em Washington no decorrer desta semana, antes da reunião anual do Banco Mundial e do FMI, para abordar o que alguns devedores consideram como sendo um nível inaceitável de confiança nessas agências.

“Austeridade” é a palavra que caracteri-

za a barganha econômica. Os economistas, engenheiros e outros tecnocratas geralmente determinam que os países emprestadores devem importar menos, cortar os gastos com gêneros alimentícios, com combustíveis, com transportes e outros subsídios, devendo até mesmo reduzir os salários, de maneira que mais recursos possam ser dirigidos para o setor de investimentos.

“Uma melhor utilização do capital oferece maior possibilidade para aumentar os índices de crescimento nos países em desenvolvimento”, declarou o Banco Mundial, num dos seus recentes relatórios, resumindo os seus objetivos. Esta mesma mensagem, enfatizando a confiança nos mercados, nos investimentos e na competitividade internacional está sendo repetida pelo FMI.

O Fundo Monetário Internacional, por conceder empréstimo por períodos de tempo mais curtos — geralmente de três a cinco anos —, costuma estabelecer as condições mais rígidas. Ele ajuda países com pouco dinheiro a pagarem pelos seus gêneros alimentícios e por outras importações necessárias, que, de outra forma, dificilmente poderiam ser financiados. No entanto, insiste que as importações, de uma forma geral, sejam cortadas como parte do esforço para aumentar os investimentos e a eficiência. O nível desta austeridade é uma questão de amplas negociações, politicamente carregadas, entre os países interessados e os funcionários do Fundo.

Sem a ajuda do FMI, estas “adaptações” — que é a palavra paliativa adotada pelos tecnocratas — seriam ainda mais dolorosas e socialmente perturbadoras para países como o Brasil, o México ou o Haiti, porque eles simplesmente não seriam capazes de pagar pelas suas necessidades básicas.

## Vida melhor

O Banco Mundial empresta dinheiro por períodos mais longos, de até 20 anos por empréstimos regulares, e 50 anos por empréstimos isentos de juros, principalmente para financiar a construção de portos, estradas, obras de irrigação e de drenagem, fábricas de fertilizantes, desenvolvimento de energia e outros projetos palpáveis. A idéia básica é melhorar os padrões de vida aumentando a produção de alimentos, de aço, minério de ferro, borracha e outros itens que possam ser utilizados domesticamente ou

exportados para a obtenção das necessárias divisas estrangeiras.

Nenhuma das instituições sofreu uma incapacidade de pagamentos por parte dos seus clientes. Elas operam a partir de um conjunto de edifícios situados nas imediações da rua 19 e da Avenida Pennsylvania, em Washington. O Banco Mundial, que registrou um rendimento líquido, no ano passado, de 752 milhões de dólares, acaba de anunciar planos para gastar 97 milhões de dólares para construir mais um edifício na área, o terceiro projeto deste tipo em menos de três anos.

Ambas as instituições funcionam sob os olhos de diretorias que representam a participação de quase 150 governos. Mas os seus tecnocratas, com suas maletas com fechaduras especiais, contendo potentes materiais esotéricos a respeito de expansão doméstica de crédito, déficits do setor público e cofinanciamentos, gozam de grande autoridade.

## Espectáculo tenso

“O Fundo Monetário Internacional certamente está comandando o espetáculo para os países devedores”, declarou Penelope Hartland-Thunberg, do Georgetown Center para Estudos Estratégicos e Internacionais. Fred Bergsten, diretor do Instituto de Economia Internacional, comparou as equipes viajantes de funcionários do banco e do Fundo aos governadores das províncias que formavam o antigo Império Romano, dizendo que eles representam a “administração econômica crescentemente centralizada” do mundo.

Mas esta situação não se concretizou sem que aparecessem algumas tensões. Às vezes, os termos dos acordos são rejeitados. A Tanzânia, por exemplo, continua recusando-se a aceitar dinheiro do FMI, mas recebe alguns empréstimos mais suaves do Banco Mundial. O Peru e a Jamaica estão entre os países que rejeitaram os termos do Fundo no passado.

Uma perda da independência financeira foi observada na Inglaterra durante a década de 60, quando o país foi obrigado a fazer consideráveis empréstimos junto ao Fundo para defender sua moeda. A Inglaterra continua mantendo o recorde como sendo o país que mais empréstimos contraiu junto ao Fundo — mais de dez bilhões de dólares.